

- Carta Capital - <http://www.cartacapital.com.br> -

Slow science

Posted By [Thomaz Wood Jr.](#) On 25 de maio de 2012 @ 11:47 In [Sociedade](#) | [13 Comments](#)

Like

1.3k

Tweeter

113

12

244

O frenesi da globalização e seus descontentes. Consta que tudo começou com o cozinheiro Carlo Petrini. Na década 1980, este italiano participou de uma campanha contra a abertura de uma loja McDonald's em Roma. Nasceu pouco depois o movimento *Slow Food*, voltado para a preservação da cozinha regional e tradicional, contra a mesmice e a pressa do onipresente *fast-food*. O sucesso cruzou fronteiras e atraiu seguidores em mais de 150 países. Na esteira, vieram o *slow living*, o *slow travel* e o *slow cities*. Como guarda-chuva, cunhou-se o termo *slow movement*.

Um filósofo norueguês – Guttorm Floistad – conferiu ao movimento poesia e princípios: “A única coisa que podemos tomar como certeza é que tudo muda. A taxa de mudança aumenta. Se você quer acompanhar, melhor se apressar. Esta é a mensagem dos dias atuais. Porém, é útil lembrar a todos que nossas necessidades básicas não mudam. A necessidade de ser considerado e querido! A necessidade de pertencer. A necessidade de estar próximo e de ser cuidado, e de um pouco de amor! E isso é conseguido apenas pela desaceleração das relações humanas. Para ganharmos controle das mudanças, devemos recuperar a lentidão, a reflexão e a capacidade de estarmos juntos. Então encontraremos a verdadeira renovação”.

Leia também:

[Dilema de um artista: De Mozart a Cindy Sherman](#) ^[1]

[A cultura do desdém](#) ^[2]

[Novo solteirismo: Voo solo](#) ^[3]

Agora, da terra do resistente Asterix, nos chega uma nova onda do *slow movement*: a *slow science*. Seus arautos condenam a cultura da pressa e do imediatismo que invadiu, nos últimos anos, as universidades e outras instituições de pesquisa. A *fast science*, segundo os rebeldes franceses, busca a quantidade acima da qualidade. Aprisionados pela lógica do “produtivismo” acadêmico, os pesquisadores tornam-se operários de uma linha insana de montagem. E quem não se mostrar agitado e sobrecarregado, imerso em inúmeros projetos e atividades, será prontamente cunhado de improdutivo, apático ou preguiçoso.

Os cientistas signatários da *slow science* entendem que o mundo da ciência sofre de uma doença grave, vítima da ideologia da competição selvagem e da produtividade a todo preço. A praga cruza os campos científicos e as fronteiras nacionais. O resultado é o distanciamento crescente dos valores fundamentais da ciência: o rigor, a honestidade, a humildade diante do conhecimento, a busca paciente da verdade.

A “mcdonaldização” da ciência produz cada vez mais artigos científicos, atingindo volumes muito além da capacidade de leitura e assimilação dos mais dedicados especialistas. Muitos trabalhos são publicados, engrossam as estatísticas oficiais e os currículos de seus autores, porém poucos são lidos e raros são, de fato, utilizados na construção da ciência.

Os defensores da *slow science* acreditam que é possível resistir à *fast science*. Sonham com a possibilidade de reservar ao menos metade de seu tempo para a atividade de pesquisa; de livrarem-se, vez por outra, das demandantes atividades de ensino e das tenebrosas atividades administrativas; de privilegiar a qualidade em detrimento da quantidade de publicações; e de preservar algum tempo para os amigos, a família, o lazer e o ócio.

A eventual chegada da onda da *slow science* aos trópicos deve ser observada com atenção. Por

aqui, cruzará com a tentativa de fomentar a *fast science*. Entre nós, o objetivo de aumentar a produção de conhecimento levou à criação de uma *slow bureau-cracy*, que avalia e controla o aparato científico. A implantação gradativa da lógica *fast*, com seus indicadores e suas métricas, pretende definir rumos, estabelecer metas, ativar as competências criativas da comunidade científica local e contribuir para a construção do futuro da augusta nação. Boas intenções!

Os efeitos colaterais, entretanto, são consideráveis. A lógica *fast* está condicionando os cientistas operários a comportamentos peculiares. Sob as ordens de seus capatazes acadêmicos ou por iniciativa própria, eles estão reciclando conteúdos para aumentar suas publicações; incluindo, em seus trabalhos, como autores, colegas que pouco ou nada contribuíram; e assinando, sem inibição, artigos de seus alunos, aos quais eles pouco acrescentaram. Tudo em prol da melhoria de seus indicadores de produção.

Enquanto as antigas gerações vão se adaptando, aos trancos e barrancos, ao modo *fast*, as novas gerações de pesquisadores já são formadas sob os princípios da nova doutrina. Aqui, como ao norte, vão adotando o lema da *fast science*: *publish or perish* (publique ou desapareça). E, se o objetivo é publicar, vale tudo, ou quase tudo. Para onde vão os cientistas e a ciência? O destino não é conhecido, mas eles estão indo cada vez mais rápido.

Article printed from Carta Capital: <http://www.cartacapital.com.br>

URL to article: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/slow-science/>

URLs in this post:

[1] Dilema de um artista: De Mozart a Cindy Sherman:

<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/de-mozart-a-cindy-sherman/?autor=14>

[2] A cultura do desdém: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-cultura-do-desdem/?autor=14>

[3] Novo solteirismo: Voo solo: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/voo-solo/?autor=14>

Copyright © 2011 Carta Capital. All rights reserved.